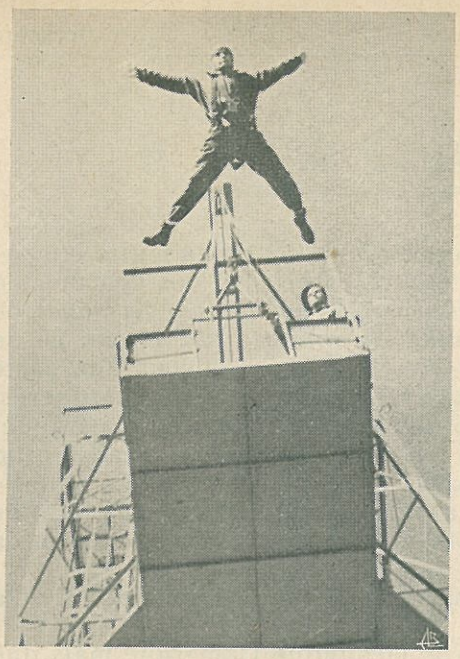


... SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO I — Julho-Dezembro de 1957 — N.os 11-16

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

EDUCAÇÃO

O pormenor mais descuidado, a atitude expontânea ou a expressão menos estudada, são elementos que sempre nos facilitam a tarefa de avaliar a Educação de um homem. Com efeito, nos dados que atrás se citam deixará o indivíduo retratado o princípio que orienta o seu viver.

Assiste-se com frequência ao errado pensar que confunde Educação com cultura. Há mesmo quem não conceba um homem educado possuidor dum cérebro inculto. Contudo, parece-nos poder assistir ao desenlace das realidades que os dois vocábulos representam, sem vislumbre de prejuízos para a Educação.

Se a cultura, por envolver considerável complexidade de conhecimentos, está baseada numa aprendizagem difícil, por completa, portanto fora do âmbito que limita as possibilidades de muitos, já a Educação, apenas exigindo uma delicada norma de conduta, estará naturalmente ao alcance da maior parte, para não falarmos no todo.

Parece pois, não ser muito difícil nem o que a um homem se exige, para que invariàvelmente de educado se possa adjectivar o seu procedimento.

Mas, talvez porque ao homem na sua incontível sede de glória, não agrade as fáceis coisas, a «Educação» na sua encantadora simplicidade, ela que não habita a região dos mistérios e das dificuldades, parece também não conquistar, lamentàvelmente, os favores da vontade humana.

Ser educado não implicará em momento algum, abdicação de personalidade; ser educado, não será jámais aceitar cègamente a ideia de outrem; educado não é o que responde ao insulto infame com a cobardia do silêncio.

Julgar a opinião do semelhante, aprová-la ou declinar-lhe o seu apoio, sem contudo deixar de a respeitar; fazer sentir a quem nos rodeia que não abdicamos do seu respeito, tudo fazendo para o merecer; não olvidar que as diferentes categorias sociais, bem como os desigualmente idosos possuem adequadas maneiras de tratar; poder repreender um subordinado com o mesmo cavalheirismo com que, forçada ou voluntàriamente, aceitaria uma correcção; ver nesta a crítica construtiva que por isso é necessária. Todos estes atributos, não formando um homem completamente educado, desempenham na Educação relevante papel e só aquele que procura alumiar a viagem da sua existência com a luz destes princípios, poderá merecer a classificação humana.

«Mudam-se os tempos; mudam-se as vontades», disse alguém que glorificou a nossa Pátria. Parece-nos, contudo, que o homem que no princípio do nosso século sabia obedecer às boas normas, continuaria a mostrar-nos hoje o perfume da sua boa educação se a tanto nos fosse dado assistir. Não será, pois, de aceitar a tendência que actualmente existe para justificar alguns atropelos às regras da «Boa Educação» só porque atravessámos um período de coexistência com os barulhentos discos do «Rock and Roll».

É bem certo que o individuo será invariàvelmente a primeira vítima do seu menos conveniente procedimento; a Sociedade, como boa observadora que é, acabará pura e simplesmente por rejeitar o elemento que nenhuma conveniência lhe pode trazer. Mas para além disto e talvez mais importante, está a certeza de que a colectividade onde o mau elemento habita, será dolorosamente a segunda classificada nesta tabela de ferimentos sociais.

Resulta de tudo isto a certeza de que todo o indivíduo que, pertencendo a uma colectividade organizada, civil ou militar, não põe na sua acção constante o desejo e a boa vontade de acertar, esquecendo-se que a todo o momento fornece à opinião pública dados para o julgamento do todo a que pertence, comete uma leviandade a toda a prova, de forma alguma merecendo o qualificativo de «cavalheiro».

Albano Marques de Carvalho.

Furriel Paraquedista

"PÁRA-QUEDISTA,,

«Nós, os paraquedistas, somos almas irmãs, com um mesmo ideal: a eugenia da Raça, a vitória da vontade e da moral, o culto do perfeito, do imenso, do inquebrantável amor à Pátria».

«PÁRA-QUEDISTA» é a publicação oficial do Núcleo da Divisão Aeroterrestre do Exército Brasileiro.

Deu-nos grande alegria — que devemos à gentileza do Excelentíssimo Comandante do Núcleo — recebermos o seu número um, de 1957. Essa alegria corresponde ao interesse e carinho com que, de tão longe, acompanhamos, tanto quanto podemos, as actividades e os homens do Núcleo.

Eles são nossos irmãos, duplamente: por Brasileiros e por Paraquedistas.

Não necessitamos dizer mais para explicar a razão de ser dos nossos sentimentos. O nosso desejo seria tornar mais palpável esta comunhão espiritual, por meio de frequentes contactos directos que segura e imensamente seriam agradáveis e úteis. Quanto invejamos a oportunidade que o Capitão Seixas e o Tenente Sigfredo tiveram de conviver largo tempo com os paraquedistas brasileiros!

Sabemos que do outro lado do Atlântico, homens de sangue igual ao nosso erguem ainda mais alto uma Nação gloriosa e próspera; Corações jóvens palpitam e sentem como nós; Paraquedistas demonstram uma classe de verdadeira élite. Tudo isto nos causa profunda satisfação. Saber que os nossos sentimentos são correspondidos, que merecemos a sua estima fraternal é motivo de justificado orgulho.

OBRIGADO, PARAQUEDISTAS BRASILEIROS!

«PÁRA-QUEDISTA» regista a recepção do nosso jornal e refere-se-nos com palavras que bem demonstram a amizade que os nossos irmãos de além-Atlântico dedicam ao paraquedista português.

E conclui: *O pára-quedista é um só em todo o mundo: o mesmo entusiasmo, o mesmo espírito, o mesmo vigor, a mesma audácia e sangue frio, as mesmas tradições, o mesmo élan.*

Sempre desejámos saber dos êxitos que o Núcleo da Divisão Aeroterrestre vai averbando no seu historial já brilhante.

Fraternamente, BONS SALTOS!.

S. C.

NATAL PARAQUEDISTA

Tangem os sinos nos campanários, e, dentro de muitos peitos arfantes encontra lugar a saudade. É noite de Natal, é Festa da Família. Aqueles que por qualquer motivo, não se podem deslocar para junto dos seus, sentem plangentemente essa nostalgia intensa.

Recordam-se outras datas. Visionam-se pessoas queridas e momentos alegres. E a tristeza ri, sem que sorrir queiramos.

* * *

Como é evidente, as necessidades de serviço obrigaram a que muitos dos nossos não pudessem ir até aos seus lares na Noite de Natal. Esses sentiram, indubitàvelmente, a saudade Porém, as suas obrigações haviam de ser cumpridas e eles tinham que manter-se nos seus postos. Esta, era a única consolação.

Quiz o Comando do nosso Batalhão, mitigar o tédio dessa data, e nesta conformidade, fez organizar a simbólica Ceia. No dia seguinte, realizou-se também, um festivo jantar em que tomaram parte, além do pessoal paraquedista, famílias de Sargentos e Praças, e militares de outras Unidades vizinhas, convidados a confraternizar conosco.

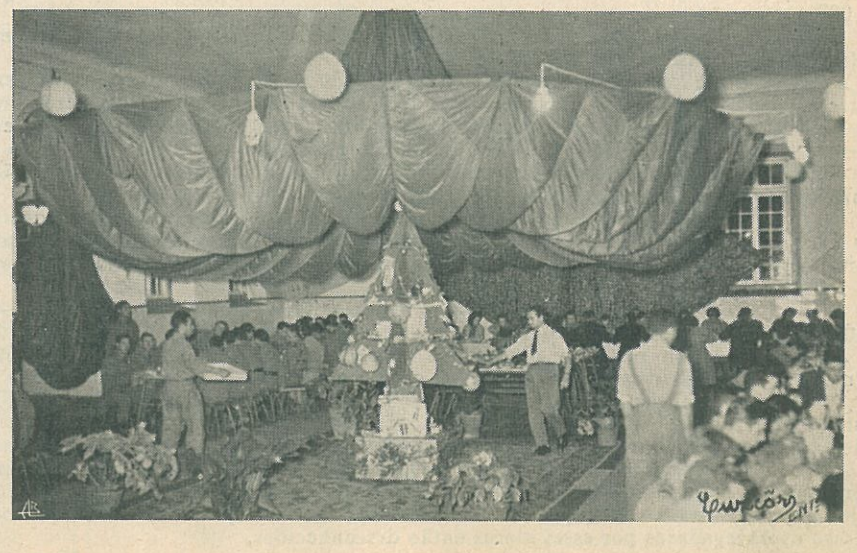
No Refeitório dos Especialistas, decorado brilhantemente, tiveram lugar a respectiva Ceia e Jantar, assim como uma distribuição de prendas. Tudo decorreu num ambiente bastante alegre, que não deu lugar às recordações contínuas das famílias distantes.

* * *

Essa família de cujos ramos descendemos, não a pudemos ter a nosso lado. Todavia, estava reunida essoutra família, que ora passa e vive o dia a dia, e à qual nos unem vinculados laços de camaradagem.

Mais um Natal passou. Sentimos a satisfação de que todos cumpriram o seu Dever.

C. F.



Jaïc Domergue - Enfermeira do céu

O combate dominava desde a aurora em Djemaa-el-Kharmou, quarenta quilómetros a sudoeste de Argel. Os rebeldes haviam-se instalado sòlidamente sobre uma elevação dominando a planície, mas surpreendidos pelas nossas forças, tinham retirado precipitadamente. O Estado Maior havia-os avaliado em uma trintena ... Na realidade eram mais de 120. Os nossos soldados do 17.º R. I. T. que os cercavam, podiam ver pelos seus uniformes e chapéus camuflados, que eles pertenciam às formações melhor armadas e treinadas. Do seu ninho de águia, crivavam o terreno, com um fogo vivo, pregando as nossas tropas ao chão. Durante várias horas, foi um diálogo infernal, onde o crepitar sêco das espingardas-metralhadoras inimigas alternava com as detonações dos morteiros franceses. Eram necessários reforços para reduzir as posições inimigas. E enquanto se esperava, caíam homens...

Ás 10h 30, os nossos soldados viram enfim um helicóptero destacar-se do céu. Aproxima-se, descreve uma curva, procurando localizar os feridos.

Um jovem atirador gravemente ferido, jazia em estertor e quasi inerte, a menos de 400 metros das posições inimigas. O helicóptero desce para êle, balançando-se com a ligeireza de uma libélula.

Ainda não havia tocado o solo, quando uma mulher, de combinação de vôo azul e boina de enfermeira paraquedista, saltou para terra. Debruça-se sobre o ferido. O barulho do motor é ensurdedor, as rajadas de metralhadora ininterruptas.

Os soldados agachados perto do seu morteiro olhavam a cena, a garganta apertada... A enfermeira não se levanta. Um homem, então, salta por sua vez do helicóptero. Carrega com ligeireza sobre os seus ombros o corpo vestido com uma combinação de vôo azul e a boina ainda posta sobre a cabeça de cabelos ruivos. O helicóptero tomou altura e afastou-se em direcção a Argel. Algumas horas mais tarde, atiradores em helicóptero chegam em reforço, enquanto aviões T-6 e P-47, atacam a elevação com fogo de metralhadora e foguetões. Ao fim do dia, no terreno conquistado pelas nossas tropas, os rebeldes deixavam 41 mortos.

Todavia, a bordo do helicóptero, a enfermeira Jacqueline Domergue, atingida por uma bala na cabeça recebia os cuidados que se sabia serem inúteis. Chegada ao fim da manhã ao Hospital Maillot, expirava à uma hora da tarde. Para os paraquedistas, os aviadores, os membros do Para-Clube de Argel, onde ela era monitora, para os inumeráveis soldados que ela tinha socorrido sobre os campos de batalha da Indochina, do Egipto e da Algéria, Jacqueline Domergue era a popular «Jaïc», mulher-soldado, exemplo vivo de bravura, dedicação e optimismo lúcido. Ela era «Jaïc», de compleição atlética e cara de anjo, um olhar de luz e um sorrir generoso.

Jacqueline Domergue nasceu em 8 de Setembro de 1924 em Ismailia, de pais franceses. O seu pai estava ligado à Companhia do Canal de Suez. Tinha feito os seus estudos em Port-Said e no Cairo, e uma vez formada, viera para França seguir o curso de enfermeira. Quando, em princípios de 1957, voltou ao Egipto com o corpo expedicionário francês, chama irònicamente a esta campanha militar de «volta ao país». Depois de haver obtido o seu diploma de enfermeira da Cruz Vermelha, Jacqueline Domergue cede à vocação que sentia há muito tempo: voar, saltar em paraquedas e fazer do mais perigoso dos desportos o mais nobre dos serviços. Seguiu um estágio no Centro Nacional de Biscarrosse depois de ter já o brevet de piloto e obtêm, em 24 de Fevereiro de 1952 o diploma de enfermeira paraquedista. Faz parte do Curso «Adrienne Bolland». Sòmente quarenta e sete mulheres, foram admitidas até agora no corpo de élite das enfermeiras paraquedistas ou «acompanhantes do ar». Pouco tempo depois, recebe enfim o seu brevet de instrutora paraquedista e foi a única mulher a obtê-lo, com Odette Rousseau e Monique Laroche. Especializa-se no salto de abertura retardada a partir dos 5.000 metros. Em 1955, é campeã da França.

«É a mais dotada dos militares, para ser campeã civil» dizia dela Odette Rousseau.

Mas as competições não são para Jacqueline Domergue mais que exercícios, aos quais se entrega, quase por brincadeira, entre duas missões.

Em 1954, está em Dien-Bien-Phu, ao lado da sua camarada de curso Geneviève de Galard. É evacuada debaixo de bombardeamento pouco tempo antes do cerco total. Volta da Indochina, com a Cruz de Guerra. Depois toma parte na campanha do Suez. Enfim a Argélia.. Antes da partida, ela tinha reunido alguns amigos no seu pequeno apartamento de Fresnes. Então, Jaïc, tão reservada na sua aparência jovial, não pôde deixar de confiar aos seus intímos, muito surpreendidos por esta confissão, que ela estava tomada de um triste pressentimento. Mas Jaïc não era mulher que desencorajasse por causa de predições. Na última primavera, entre duas missões, algumas delas compreendendo saltos em paraquedas sobre o terreno de combate, encontrou tempo para se treinar para o Campeonato mundial de paraquedismo, que deveria ter lugar em Moscovo. Infelizmente, as suas obrigações de «acompanhante do ar», não lhe permitiram afrontar o campeonato com uma preparação suficiente. Em Moscovo, ela falhou o alvo. Este azar mortificou-a, mas sem a abater, e jurou a si mesmo tirar a desforra. O seu fervor pela aviação e paraquedismo era tão comunicativo que já tinha conquistado a sua irmã mais nova. Jóvem aviadora, seguindo o exemplo de Jaïc, Myrése Domergue, ganhou em 1954, a Taça da Volta Aérea a França.

Myrése, nos últimos dias, esperava o regresso da sua irmã, que devia ter seis meses de licença.

As duas tinham projectado ir fazer ski, para o monte de Méribles-Albnes...

A Jaïc Domergue, morta aos 35 anos, no campo da honra, Argel prestou comoventes exéquias. A medalha militar colocada sobre os seus restos mortais veio cercar esta vida em forma de glorioso palmarés. Mas, por detraz do retrato oficial da heroína, todos os que dela se aproximaram guardam a recordação de uma figura romântica, de verdadeiro romantismo, despojado de todo o artifício literário e de toda a condescendência para consigo mesmo: espírito de aventura, levado até à abnegação.

(*Jours de France, 14/12/57*)

ÂNSIA DA ALTURA

Considerando já pequena a Terra, não se acalma a ânsia do homem em procurar desvendar o desconhecido, ir mais além do que lhe havia sido permitido pelas misteriosas Leis da Natureza.

Seduz-lhe a ideia de esquadrinhar, de conhecer o que nas sombras se oculta e que para ele é enigmático ou oferece qualquer dúvida. Por esse desejo sacrifica a mocidade, destroça a sua vida e não se sente feliz sem tentar conseguir satisfazer a curiosidade.

E muitos conseguem-no; desse modo deixam, por vezes, conhecimentos úteis à humanidade, e destróem velhas ideias ou falsos conceitos em que até aí se vivia.

Pequena demais, a Terra é insuficiente para a imaginação humana e daí lança-se o homem no estudo do espaço e quere desvendar os mistérios.

Assim, em 1931, o professor Piccard, no seu balão estratosférico, ascendeu a regiões até aí vedadas aos homens. A este novo arriscado estudo de Piccard, o precursor neste género, outros sábios se seguiram e elevaram-se ainda mais próximo das estrelas.

Não pararam na ânsia de saber nem no forte desejo de conhecerem o mistério dos raios cósmicos e desvendarem toda a estratosféra.

Nova expedição se organiza e nela tomam parte desta vez, o recordista aviador Eduardo Oliviero, de nacionalidade argentina e o célebre cientista espanhol Padre Puig, que se encontrava na Argentina onde foi instalar o Observatório de Física Cósmica.

Os aeronautas partiram do Monte S. Rafael em Junho de 1940.

Verificaram que a 17.000 metros o termómetro marcou 36 graus abaixo de zero; as montanhas tinham perdido todo o relêvo e só puderam tomar como pontos de referência alguns lagos.

Antes porém, em 1933, sábios russos atingiram os 18.998 metros de altitude e logo após o americano Settle subiu a 18.665 metros. Um ano decorrido, os capitães Setvens e Andersen, da mesma nacionalidade, bateram o recorde dos russos atingindo os 22.082 metros.

Esta expedição foi feita no balão «EXPLORER II» que foi enchido com 7.000 metros cúbicos de hélio.

Em 1936, nova expedição estava sendo organizada, pelo coronel espanhol Herrera, mas não chegou a efectuar-se por ter rebentado em Espanha a Guerra Civil. O seu objectivo era o estudo dos raios cósmicos, porque, conhecidos eles, poderia esclarecer-se a constituição do Universo. No entanto, o que tinha maior interesse, era o estudo das condições atmosféricas nas zonas em que futuramente deveriam voar os aviões que cobririam grandes distâncias a velocidade superiores a 1.000 Km. à hora.

Segundo experiências feitas durante a última Guerra, provou-se que depois dos 11.000 metros, aviões preparados para essas alturas podem desenvolver velocidades muito maiores com o mesmo gasto de carburante que voassem a 200 Km. por hora e a 1.000 metros.

Oliviero e Puig, propuseram-se subir a 30.000 metros e conseguiram-no. A 11.000 metros o oxigénio é insuficiente para a vida do ser humano.

Levaram por isso escafandros de duralumínio e a barquinha do balão, era herméticamente fechada e do mesmo metal, com ar condicionado.

Há poucas semanas, o Capitão Joe Kittinger, partindo da base de Fleming (Estado de Minnesota — E. U. A.) num balão de matéria plástica com 90 metros de altura, bateu o record de altura em balão, subindo a 32.000 metros.

Mas não ficaram por aí as experiências. Modernamente outras se tentam, mas agora com fins mais altos. Pretende a ansiosa humanidade, atingir outros planetas, conhecê-los e fazer estudos nas regiões interplanetárias num desejo febril de conquista, como outrora os navegadores por esses mares então desconhecidos,

Marco Aurélio

PARAQUEDISMO DESPORTIVO

BRITISH PARACHUTE CLUB

A Inglaterra foi uma das nações que maior desenvolvimento deu às Tropas Paraquedistas. Durante a guerra 39-45 o seu Corpo de Paraquedistas foi um trunfo valioso que nada ficou devendo aos também célebres Comandos. Só em 1940 é que foi decidida a creação das Forças Aerotransportadas Britânicas mas o Regimento de Paraquedistas chegou a ter 17 Batalhões prontos a entrar em acção. Logo em 1942, a boina vermelha dos seus homens, símbolo da valentia que os caracterizava, era bem conhecida do inimigo que os cognominava de « Diabos Vermelhos ». Em Bruneval, no Norte de África, na Sicília, na Normandia, em Arnhem, escreveram páginas brilhantes a confirmar a élite de que se vangloriavam .

E, paralelamente, as forças de missões especiais SAS (Special Air Service) actuaram muito rendosamente na Europa ocupada.

Acabada a guerra, a desmobilização reduziu efectivos e mantem-se 3 Batalhões que têm actuado fora da Grã-Bretanha: Kénia, Suez, Chipre, etc...

Sob o aspecto técnico também parece ter-se chegado a uma estabilização.

* * *

Um tão brilhante desenvolvimento anteriormente atingido faz estranhar que o paraquedismo desportivo inglês revele um atrazo e relativa modéstia, como se pode depreender do que temos conhecimento:

Em 1955 foi fundado o British Parachute Club por três entusiastas, ex-combatentes da guerra 39-45: um major paraquedista, um piloto de planador e um piloto de caça. Inicialmente depararam-se grandes dificuldades e eram usados paraquedas já dados incapazes. Hoje, o clube tem a sua séde em Fair Oaks, próximo de Londres, e conta com 35 membros titulados — incluindo duas senhoras — e uns 150 inscritos. Esta desproporção entre o número de titulados e o de inscritos aguardando instrução deve-se às limitadas possibilidades materiais do clube.

Práticamente, só se executam saltos de abertura manual e a partir de avionetas Tigger e Auster. Não saltam a mais de 500 metros por virtude da proximidade do Aeroporto de Londres, mas desejam partir dos 3.000 metros e altitudes ainda maiores.

Têm sido efectuados certames de pouco aparato mas chegam a fazer lançamentos simultâneos de 3 Tigger em formação.

Enfim, o Club espera dentro em breve sair da modéstia actual imposta pelos limitados meios disponíveis. Entretanto, mantem em actividade um núcleo de paraquedistas, alguns deles preparados para instrutores no solo, dobradores, largadores e até pilotos.

Talvez o British Parachute Club seja um exemplo a apontar aos portugueses... para que façam algo semelhante e melhor, aproveitando as facilidades das entidades oficiais.

S. C.

PARAQUEDISMO

Esta palavra, juntamente com o subtítulo «Curso feminino de aptidão para paraquedismo», encimava um texto publicado na Revista do Ar — Novembro de 1957, de que destacamos alguns trechos:

«Do Boletim da D. C. T. (Legião Portuguesa) transcrevemos, com a devida vénia, uma entrevista que lhe concedeu a nossa ilustre consócia D. Maria Augusta Marques:

...D. Maria Augusta Marques frequentou um Curso no Centro Francês de Biscarrosse, tendo obtido o «Certificado de Aptidão Preparatória ao Paraquedismo».

...Não podíamos deixar de ouvir a nova paraquedista e arquivar nestas páginas, algumas das suas declarações:

...Como consequência destes factos, vem o nascimento da confiança da nossa obra, do nosso trabalho e do nosso sucesso...

— Teve alguma vez medo, durante o Curso?

— Não. Nunca senti medo.

Qualquer pessoa que vai para um Centro de Paraquedismo não vai, decerto, com medo, uma vez que o faz voluntàriamente. Mas mesmo que fosse com falta de confiança, ela desapareceria aos primeiros dias. A palavra medo não tem cabimento para um paraquedista.

...Fez o seu Curso de Aptidão para Paraquedista. Sabemos que entre 22 candidatos dos dois sexos e de diversas nacionalidades, conseguiu classificar-se em 3.º lugar. Essa classificação, decerto, trouxe-lhe sonhos, projectos e desejos de desenvolver a sua actividade como paraquedista. Pode dizer-nos alguma coisa acerca desses sonhos e projectos?

— Quanto a sonhos, tenho apenas dois. O primeiro como é lógico, é poder fazer os graus necessários para poder obter o brevet de paraquedista. O segundo, é o desejo de que a Defesa Civil do Território, organização a quem dedico o meu esforço, possa vir a ter, com outros elementos que a isso estejam dispostos, formações de paraquedistas socorristas».

Nós não podemos deixar de desejar o melhor êxito na realização destes dois sonhos, mas simultâneamente temos de manifestar a nossa impressão sobre as palavras transcritas acima e sobre a ideia geral colhida na leitura da entrevista.

Por isso concordamos com o que diz o Sr. Cap. Fausto Marques:

Foi já há muito tempo. Era dia de SALTOS e no estacionamento os motores ronronavam enquanto os primeiros a embarcar preparavam os seus paraquedas.

Foi há muito tempo que com a alegria de sempre vimos chegar a nossa paraquedista, que mais uma vez, num gesto de camaradagem e simpatia, vinha saltar connosco. Mas nesse dia de há muito, a Isabelinha não vinha só. E foi com prazer que conhecemos a Sr.ª D. Maria Augusta Marques. Também queria ser paraquedista; era um sonho que tinha desde a realização da nossa primeira sessão de saltos em Lisboa e como nós também admirava a Isabelinha. Aproveitára o seu convite e vinha ver mais de perto como eram as coisas. Depois entusiasmou-se, veio mais vezes e resolveu ir a França, disposta a tirar o seu brevet de paraquedista. Regosijámo-nos com isso e foi mais uma esperança de ver aumentado o número de entusiastas.

E a Isabelinha foi também para França. Ia frequentar o 2.º grau do curso; queria fazer abertura retardada, voar em queda livre. As suas notícias chegavam com frequência, e nas suas cartas cheias de modéstia, adivinhávamos quantos êxitos ia alcançando. Em breve voltou ao nosso convívio e em outros dias de SALTOS chegou, para preparar também o seu paraquedas que agora era já de abertura manual. E voltou sempre sózinha. Não quizemos perguntar nada, porque há coisas que é melhor adivinhá-las.

Mas... há sempre um mas que estraga tudo!

Um dia ao ler a Revista do Ar. se não bastasse o título que encimava o artigo, chegaria uma fotografia que me pareceu não desconhecer de todo, para me chamar a atenção.

Foi com o maior interesse que li a transcrição da entrevista que a Sr.ª D. Maria Augusta Marques havia concedido ao Boletim da D. C. T.. E confesso, estava com pressa de chegar ao fim. E quando cheguei, não resisti que não pegasse da caneta para escrever o que muito bem me pareceu.

É o que deixo á vossa apreciação, na certeza de que o meu único desejo é colocar alguns pontos em certos ii que por lá encontrei.

Também estive em França. Foi lá que obtive o meu brevet de paraquedista militar e de Instrutor paraquedista. Conheci um pouco de paraquedismo civil, sistemas por que se orienta, etc... mas não tive oportunidade de visitar Biscarrosse.

Ora, para mim, ser paraquedista é haver obtido um brevet que comprove que saltamos de avião em vôo, X vezes em paraquedas.

O «Certificado de Aptidão Preparatória ao Paraquedismo» não é mais que uma espécie de teste médico e físico.

O importante, para quem quer ser paraquedista é ficar apto. A classificação não é mais que um preciosismo que apenas serve para revelar comparativamente quais as possibilidades físicas de que dispomos. Quanto às de vontade, não diz nada.

De qualquer forma, não queremos passar sem felicitar a Sr.ª D. Maria Augusta pelo seu 3.º lugar entre 22 candidatos dos dois sexos e de diversas nacionalidades. E é com prazer que nos inteiramos das suas reais possibilidades físicas para ser paraquedista. Por outro lado, também as nossas felicitações pela ausência total de medo, durante as provas necessárias ao certificado. É realmente de salientar!...

Só não concordamos em que a palavra «medo» não tem cabimento para um paraquedista.

Será talvez uma opinião pessoal, mas de quem tem mais de uma centena e meia de saltos, contra a de alguém que não tem nenhum.

E para ser franco eu até nas provas do certificado tive medo. Tive medo de não conseguir passar.

É que eu queria mesmo ser paraquedista.

Tive medo quando saltei da torre, quando dos saltos do avião, com paraquedas de abertura automática, quando dos saltos com paraquedas de abertura manual, quando faço 10, 15 segundos de queda livre, sempre que salto.

É curioso que sendo paraquedista — conseguindo desencantar três diplomas que o provam — tenha tanto medo.

Tive medo em França, tive em Espanha e tenho cá.

Eu tenho até medo que nem todos gostem do que escrevi. Mas parece-me que devia fazê-lo e entrego-me nas mãos da vossa justiça, que me julgará com certeza medroso, mas capaz de confessar o meu medo e de vencê-lo.

NOTA DA REDACÇÃO: — Posteriormente à entrada deste artigo na Redacção tivemos conhecimento que o autor, numa entrevista concedida a «El Ruedo», declarou nunca haver sentido medo ao pegar um touro em pontas. Pelo que sabemos o autor nunca o viu um touro em pontas a menos de 5 metros.

SAUDAÇÃO

Que hoje completou 10 saltos com paraquedas, de avião em vôo, o Aspirante a Oficial Médico, Henrique Paulo das Neves Soudo, do 1.º Grupo de Companhias de Saúde e em serviço neste Batalhão, que se encontrava frequentando o 2.º Curso de Paraquedistas, pelo que deve ser considerado com a especialidade de paraquedista nos termos do art.º 15.º do Decreto N.º 40.395 de 23-11-955, a partir de amanhã. (O. S. de 20-12-57).

* * *

Nós te saudamos, primeiro médico paraquedista português!

Nós te saudamos, porque vieste para este Batalhão, como médico e porque quando saires, poderás ostentar com orgulho o emblema que conquistaste. Porque soubeste irmanar-te na camaradagem que nos une, escolhendo o laço mais forte. Nunca mais serás um estranho. Compreendeste toda a fôrça, a grande atracção que existe no salto em paraquedas. Não te foi possível assistir, lá de baixo, na tua missão de médico em terra, a valentia dos que se lançavam no espaço, sem que quizesses igualá-los e viver com eles os momentos que nunca esquecerás. Nunca mais desaparecerá dos teus ouvidos o toque prolongado do claxon, nem da tua retina o luzir vermelho e verde, que mandava saltar. Nunca mais... aquele passo em frente! E porque viveste conosco, todos os momentos, porque os compreendeste e nos compreendeste, porque enfim, foste mais que um médico, por tudo nós te saudamos.

F. M.

CONDECORAÇÕES

Foram condecorados com a Medalha de Cobre, da Classe de Comportamento Exemplar:

2.os Sargentos António Augusto Baptista Cardoso, Manuel da Silva Faria, Guilherme José de Gouveia Leite Ferraz, Aureliano Bravo Gaspar, João de Castro Gonçalves e Albano Gonçalves de Figueiredo. Furriéis: António Varzea, José Barata Olivença, Abílio António Ferreira Echevarria, Claudino Cruz Ferreira, Joaquim Augusto Santiago, José Elias Mendes, Renato José Gonçalves Durão, Rodolfo José da Sliva Almeida, Francisco João Marques Combóias e Fernando Viegas Guerreiro.

1.os Cabos João António Cadete Belchiorinho, Manuel Amaro Cristo da Conceição, Fernando Pinto Claro, António Demétrio de Sousa Oliveira, Eduardo Espadinha Amendoeira, Jacinto da Conceição Carneiro, Luís António Teixeira, Pompeu dos Santos Valbom, Francisco Admar Rodrigues Portela, João António Rocha, Diogo das Neves Silva, Orlando José Palancha Vargas, Rosendo da Silva Guerreiro e soldado Basílio da Assunção Moreira.

«...SALTA!» felicita os condecorados.

PROMOÇÕES

Por Portaria de 21 de Junho, foi promovido ao actual posto, o Ex.mo Comandante deste Batalhão, Major Armindo Martins Videira.

Respeitosamente apresentamos os nossos parabéns e regosijamo-nos pelo significado que representa para a Unidade.

* * *

Em 27 de Dezembro, foram promovidos ao posto de capitão os Srs. Tenentes:

Fausto Pereira Marques, Fernando Soares Cunha, Argentino Urbano Seixas e António Rosado Serrano.

Em 9 de Outubro, foram promovidos ao posto de 2.º Sargento os furrieis:

António Martins Cacela e João de Castro Gonçalves.

Em 14 de Agosto, foram promovidos ao posto de Furriel os 1.os cabos:

Rodolfo José da Silva Almeida, Manuel da Silva Agapito, Fernando Viegas Guerreiro, Francisco João Marques Combóias e Agnelo de Macedo Fernandes.

Foram promovidos ao posto de 1.º cabo os soldados:

Francisco Alves, António Maria Ferreira de Matos, Carlos Marques, Francisco Pedro Ferreira, António Vital Penas Ferreira, Carlos Pereira da Costa, Francisco Gil António e João dos Anjos Campaniço.

Para todos, «...SALTA!» augura inúmeras felicidades no novo posto.

VERDADES E MENTIRAS

« Agite-se antes de usar »

Diálogo à Porta de Armas:

Um senhor recém-chegado, demonstrando, «espírito empreendedor»:

— Eh pá! Oh cabo da guarda! Para já, para já, arranja-me aí dois «gajos» para me irem buscar as malas á estação!

— Saiba Vossa Senhoria que aqui não há «gajos».

E não há. A estação é longe e os nossos transportes são da firma «Trazes & A. Lomba, Lda.

*

Á margem do último torneio de basket:

— É verdade; perdemos por sete pontos!

Um curioso fora da conversação:

— O quê?! Sete pontos? Quem é que partiu a cabeça?

*

Três «saloiadas» numa ceia festiva:

1.ª — Enquanto o fotógrafo dispara «flashes»:

— Eh pá! Já «relampampeja!»

— É verdade. Vi agora «relâmagos!»

2.ª — Carnes frias, salada e pickles.

— Eh! tragam mais cenoura e couve flor porque estas amargam muito!

3.ª — Ao ver aparecer uns bem apresentados pasteis de carne:

— Não percebo para qué que nos dão os doces antes do pirú!

*

Obras novas:

— Segundo consta, logo que entrem em funcionamento as carreiras de foguetões interplanetários, serão construidos em Marte, para serviço do Batalhão:

— Ginásio, piscina, ringue de patinagem, campo de exercícios e um local coberto para formaturas. Este último faz falta especialmente agora que sofremos as inclemências dos anticiclones centrados na região das Madeiras e quando chove... até parecem barrotes!

É esta coisa de ir para Marte... é por falta de espaço!

Cosmopolistas:

— Isto agora está sempre com melhoramentos e coisas novas:

É verdade! Começamos por cambalhotas à espanhola e em continuação temos:

Ginástica à brasileira, descansar à americana e fatos à francesa. Enfim somos Paraquedistas Internacionais.

Só falta termos... Satélites à Paraquedista!

*

Conversa de Clarins:

— Porque foste castigado, ó Medley?

— Porque emiti notas falsas. Claro no clarim!

*

Batem à porta da sala de dobragem e ela abre-se vagarosamente:

— Ahn! Não sabias vir a correr abrir a porta? Ahn?!

Oh C. C.! Tenho a certeza que quando vierem para aqui os nossos homens hão-de vir a correr! Ahn!

*

Estamos mesmo a ver como se hão-de dobrar paraquedas (em três tempos).

1.º tempo — Prriiii...! Paraquedas sobre a mesa!

2.º tempo — Prriiii...! Corre e dobra, dobra e corre!

3.º tempo — Prriiii...! Já está!!!

E quem saltará com ele? Será o árbitro?!?

*

Inicio de conversação telefónica:

— Alô! Alô¡

— Qual calou, qual carapuça! Vai dar uma curva!

— ...

— Ah! Desculpe meu tenente.

*

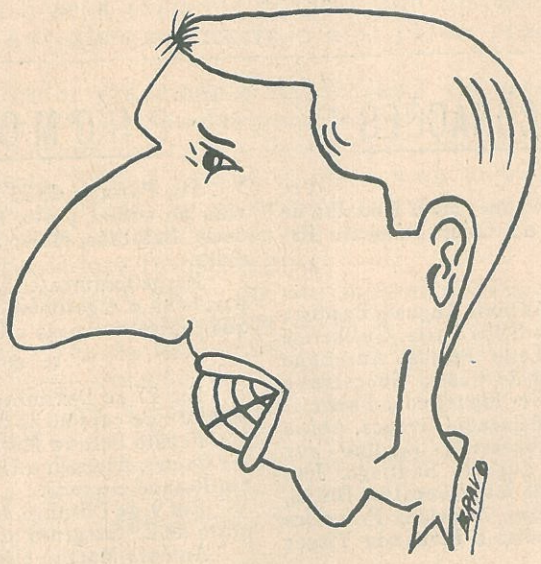
Notícias Desportivas:

Depois de três meses de aturados treinos, os nossos jogadores aprenderam a atar as botas.

AS NOSSAS FIGURAS

Chamam-lhe PENCAS, mas nem por isso tem o nariz muito grande. Já ouvi chamar-lhe CIRANO DE BERGERAC, mas não foi escolhido para interpretar o filme do mesmo nome, não sei porquê, pois nariz não lhe faltava para a caracterização.

Há muita gente que lhe chama BIQUENCAS mas ele diz que não tem bico. Mister Pencas é quasi o vulgo da malta; mas não sei por que carga de água lhe chamam Mister pois em português traduz-se por Senhor.



Ele mesmo me disse: se os meus padrinhos me oferecessem prendas, quantas vezes me alcunham, estava eu satisfeito; aliás não me importo, cá dentro há pencas maiores que a minha.

O nosso amigo pencudo também joga à bola; é um ás com o pé direito, mas quando é preciso rematar com o pé esquerdo, tem que segurar a penca. porque se falha o remate como é hábito, pode pôr a dita em estado de sítio.

Gosta muito de lêr livros de aventuras, principalmente daquelas em que intervêm monstros, uns com bocas grandes e outros com narizes fenomenais; com certeza que é para ele contar á malta, que não é só ele que tem um grande apendice nasal.

Costuma estar, quando dispõe de tempo, ao espelho fazendo massagens nas proximidades do «promontório»; é possivel que com tanta massagem fique nenos saliente. Já me perguntou se com uma operação plástica. o nariz ficaria mais pequeno; respondi-lhe que só o Senhor Doutor lhe poderia informar.

Há um jogo de cartas cujo interesse é dar pancadas com as cartas no nariz; ele diz que tem azar com esse jogo porque perde sempre e como o nariz é que paga, claro está que nunca joga.

Depois destas linhas humoristicas (?) desejo fazer um apelo sério aos Senhores padrinhos do nosso amigo PENCAS: que procurem saber (mesmo dando saltos mortais) o nome autentico do sempre alvejado nariz e chamarem-lhe como ele há muito deseja...

Eduardo Bravo

N. R. — Desculpem o Bravo por nos impingir esta tão massiça plantação de pencas.

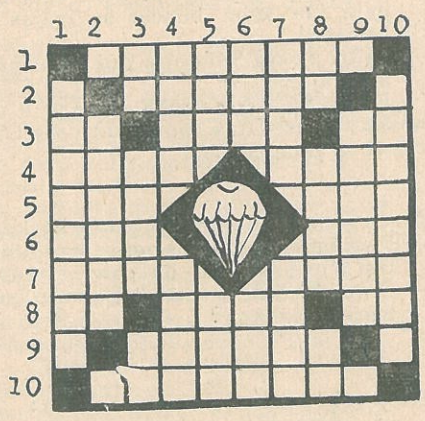
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1 — O mais caudaloso rio do mundo. 2 — Sem aptidão. 3 — Figuras; embriagado (fig.); pronome reflexo. 4 — Haste de madeira com que se move na água, pequenas embarcações; vestes religiosas. 5 — Constelação austral; rio de Portugal. 6 — Apetite sexual dos animais em certos períodos; macho e fêmea. 7 — Limpa; Santo (abrev.). 8 — Tomes parte; empilho; contract. de art. e prep.. 9 — Que está ao centro. 10 — Praticar crueldade.

VERTICAIS

1 — Herói lendário de Esparta que matou o monstro de Nemeia. 2 — Graves. 3 — Nota musical; passam por cima (inv.); eu. 4 — Homem de pequena estatura; aspectos. 5 — Interjeição; saída. 6 — Peça de Artilharia semelhante a um pequeno canhão (palavra apocopada); cem dezenas. 7 — Grande rio que banha o Egipto; tocam. 8 — Prefixo de origem árabe que teve grande influência na língua portuguesa; soberano eclesiástico; nota musical. 9 — Paisagem geográfica de transição entre a floresta e a estepe. 10 — Fugitivo.



...IMPOSSÍVEL!

...Impossível!

Mas como poderei eu crer nesse impossível?

Será que ele realmente existe ou não saberei eu compreender convenientemente o significado dessa palavra?

Sim, talvez. Mas também não irei longe da verdade, se disser que muitas vezes há quem diga «impossível» no lugar em que devia dizer apenas «um pouco difícil».

Parece-me muitas vezes certo, apontar-se ao Homem a falta daquilo que mais necessita para triunfar no seu âmbito: a vontade que domina o complexo de inferioridade; que faz acreditar nas possibilidades de sucesso da sua obra; que transforma o impossivel em realizável.

Desde há algum tempo vejo aqui o alvo de todos os meus pensamentos a que dedico grande parte do meu tempo, formulando perguntas a que não sei responder, razão por que não compreendo um dia mais que outro.

Parece estranha a razão por que falo deste tema, mas não o é.

Podia até narrar a história em que me nasceu a preocupação desta palavra, deixando a apreço a razão por que falo.

Não desejo render-me, mas a dúvida desse sucesso aumenta: estarei eu também no caso de sofrer um complexo de inferioridade?

Não! Não quererei nunca ser assim castigado porque não me resignaria com tal humilhação. Com esse fim, seria bem triste a história da minha vida.

Como ela começou, recordo-me tão bem!...

Conhecemo-nos nesse dia em que viajamos juntos.

Foi tão agradável!

Ia sempre junto de mim e eu podia deliciar-me com o prazer de contemplar bem de perto a sua formosura.

Conversámos bastante sobre vários assuntos e terminamos a viagem bastante amigos. Permitiu-me que a visitasse quando pudesse, o que não deixei de fazer sempre que tive oportunidade.

Tudo parecia decorrer normalmente; mas, após algumas visitas, comecei a reparar que só me sentia bem quando a via e não podia já estar longe dela!...

Compreendi. Experimentei esquivar-me, mas... era tarde.

Também não me fez esperar muito para me dizer quanto me queria. Mas desde certo dia sofro mais que antes de a conhecer.

Sim, sofro porque na rota da minha vida foi escrito um «impossivel»...

Naquele dia, ela escreveu essa palavra sem me dizer porque a escrevia.

Era verão. A tarde estava linda e cheia de sol quente. Sentámo-nos numa rocha voltada para o mar, onde a brisa fresca e leve batia suavemente parecendo convidar-nos a escolher aquele cantinho separado e longe do resto do mundo, para darmos largas ao nosso amor.

Não encontrava palavras e com doces carícias procurava fazê-la compreender a minha paixão.

Mas, a certa altura, vi-a bem diferente de quando ali chegara: estava triste e pensativa; o seu olhar sereno fixava qualquer lugar que não existia no espaço e revelava bem a luta em que se envolviam os seus pensamentos. Compreendendo que algo a preocupava, perguntei-lhe: que tens?

E após alguns momentos, parecia inconsciente ao pronunciar: impossivel!...

Poderia então existir entre nós algum impossivel?

E a que apontaria ela essa palavra? À nossa felicidade?

Não. Não o consentiria porque já a amava demasiado.

Ela também me amava já. Quem sabe se por desconhecer o tão pouco que eu lhe poderia oferecer...

O paraquedismo apaixona os que nele vivem. E talvez seja possivel que nesses momentos de emoção e espetacular arrojo, um coração jóvem de mulher se deixe apaixonar por um dos homens que vivem nesses quadros.

Teria ela então reparado que para ser feliz não lhe bastaria pertencer a um homem que apenas serve a Pátria com o melhor do seu esforço?

Efectivamente, para a felicidade num lar não basta haver apenas amor.

Parece me que compreendi tudo...

Como poderia eu prometer que além dos meus carinhos nada faltaria numa vida possivel a essa jóvem digna de nada lhe faltar?

Seria bastante difícil.

Com a pequena recompensa que recebo dos meus serviços de militar não poderia assegurá-lo e ela não se resignaria apenas com o meu amor, para pagar o seu sacrifício quotidiano, lutando com as faltas no nosso lar que eu não poderia remediar.

E assim, para ela seria isso o impossivel.

Mas não... Não quero que isso seja o impossivel...

Não haverá impossiveis!

AMARO

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraquedista

*

Director e Editor

Capitão Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

*

Composto e impresso na

Editorial Filatélica

*

Ano I — Julho-Dezembro — Nos. 11-16 — 1957

NOTA REDATORIAL

Perante as dificuldades com que deparamos para manter o ritmo de publicação previsto para o nosso jornal, decidimos reunir num só os números referentes aos meses de Julho a Dezembro de 1957. Conseguimos assim, embora de maneira forçada, eliminar o atrazo.

Entretanto, cada vez é mais firme a decisão de fazer melhor.

Contamos poder apresentar em principios de Março o número referente a Janeiro-Fevereiro de 1958 e divulgá-lo bem mais que agora.

Para isso é necessário a colaboração de cada um. O Jornal é de todos nós; todos devemos contribuir para que ele seja um justificado motivo de orgulho.

«Vida Elegante»

Por não terem entendido os conselhos por nós dados em números anteriores, contraíram matrimónio:

1.º Sargento José Freire de Sousa, com D. Violante de Lourdes Areias Roberto, em 15 de Setembro;

2.º Sargento Albano Gonçalves de Figueiredo, com D. Maria Emília Ribeiro Barreto, em 21 de Outubro;

Furriel Joaquim da Trindade Moreno, com D. Alexandrina Teixeira Soares Dias, em 21 de Dezembro;

1.º Cabo Orlando José Palancha Vargas, com D. Maria de Lourdes Oliveira Antónia, em 26 de Agosto;

1.º Cabo Diamantino dos Santos, com D. Maria de Jesus de Oliveira, em 16 de Setembro.

Para os novos lares, «... SALTA!» em nome de todos, deseja uma longa vida repleta de felicidades.

Apraz-nos registar os «aumentos efectivo», nos lares dos Srs.:

Capitão Argentino Urbano Seixas, um menina em 23 de Dezembro, com o nom de Maria Elisa Geraldes Seixas;

Tenente João José Curado Leitão, um menina em 22 de Dezembro, com o nom de Maria João Rogado Curado Leitão;

2.º Sargento João de Castro Gonçalves, um menino em 25 de Junho, com o nom de João Manuel de Arrigada Gonçalves;

Furriel Filinto Artur Gouveia, um menino em 22 de Setembro, com o nome António Daniel da Fonseca Gouveia;

Furriel Agnelo de Macedo Fernand uma menina em 26 de Maio, com o nome Anabela Honorato Macedo Fernandes;

1.º Cabo João Bernardino, uma meni em 5 de Junho, com o nome de Etelvi Nunes Bernardino;

Soldado José Antunes Nabeiro, um m nino em 31 de Julho, com o nome de Jú Domingos de Campos Nabeiro.

«... «SALTA!» felicita os Pais e a neófitos deseja que cresçam bem e tenh um risonho futuro.